

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

ETHOS DO VOVÔ SIMPSON: OS ESTEREÓTIPOS REPRESENTADOS NA E
PELA LINGUAGEM

Ezequiel Vitório Liniⁱ (UPF)
Débora Facinⁱⁱ (UPF)
Ernani Cesar de Freitasⁱⁱⁱ (UPF)

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho compreende uma interface entre as linhas de pesquisa que envolvem os estudos discursivos e o envelhecimento humano, em dois programas de pós-graduação *stricto sensu* da Universidade de Passo Fundo – Letras e Envelhecimento Humano. A temática diz respeito aos estereótipos negativos que circunscrevem a fase da velhice humana. O objetivo visou a analisar o ethos discursivo construído a partir das cenografias variadas que representam o vovô Abraham, a sua identidade, no seriado *Os Simpsons*.

Uma investigação dessa natureza se justifica, primeiramente, pela relevância de estabelecermos um produtivo diálogo entre duas grandes áreas do conhecimento; em segundo lugar, o estudo toma corpo quando da valiosa contribuição de Dominique Maingueneau sobre cenografia e ethos à análise do discurso. Trata-se de olharmos para os protótipos de uma personagem televisiva mediante uma teoria linguístico-discursiva.

A metodologia caracteriza esta pesquisa como qualitativa e bibliográfica e considera os conceitos de cenografia e ethos teorizados pelo linguista francês (MAINGUENEAU, 1997, 2008, 2011). Além disso, o estudo abrangeu breve contextualização sobre o processo de envelhecer e suas implicações (BEAUVOIR, 1990; MARILUZ, 2007).

Estruturalmente, a pesquisa está assim organizada: uma contextualização sobre o processo de envelhecimento humano; algumas palavras a respeito dos conceitos teóricos cenografia e ethos discursivo; a metodologia e análise do *corpus*; por fim, as considerações finais ilustram os resultados alcançados, bem como as possibilidades para

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

futuros estudos proporcionados pela interface entre investigações discursivas envolvendo fenômenos sociais.

2 A IMAGEM DO VELHO NA SOCIEDADE: CONTEXTUALIZAÇÃO

O processo de envelhecimento é vivenciado de forma muito subjetiva. Cada indivíduo percebe à sua maneira as mudanças como boas ou más, sejam físicas ou sociais, o que pode interferir diretamente no âmbito psicológico. A generalização torna-se impossível, pois, se analisarmos o meio onde viveram e como viveram, teremos indivíduos inseridos em uma cultura de que idoso é incapaz, doente, feio, próximo da morte e outros sendo admirados e respeitados por seus descendentes como um ser experiente, vitorioso.

Nossa sociedade reflete a visão de velhice das sociedades históricas. Partimos dessa contextualização da imagem do idoso nas sociedades históricas com base na obra “A Velhice”, de Simone de Beauvoir (1990), que nos alerta sobre registros históricos referentes à palavra velhice com dois sentidos bem distintos. O primeiro ponto de vista é dos legisladores, moralistas e outro dos poetas, artistas. Esses últimos, mais confiáveis, segundo Beauvoir, nortearam suas pesquisas para o desenvolvimento desse retrato sobre a velhice nas sociedades mais antigas.

Beauvoir, a partir de uma análise minuciosa na vasta mitologia grega, percebe que a grande maioria dos deuses que reinavam no mundo era jovem e nomeia precisamente as raras exceções: Caronte, Nereu, Fórcis, Proteu e as Gréias. Os poetas, filósofos e escritores de peças teatrais da Grécia antiga, costumeiramente, retratavam o velho como um ser fraco, feio, doente e incapaz. Zombavam de suas confusões mentais e esquecimentos, o que divertia muito o público da época.

[...] um velho decrepito, que não tem mais que três dentes, que mal vive, que, para andar, apoia-se em quatro escravos, cujo nariz destila um contínuo muco, cujos olhos estão cheios de ramelas, insensível a todas as volúpias, um sepulcro animado, objeto de zombaria da juventude. (BEAUVOIR, 1990, p.139)

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Na Idade Média, com registros históricos e sociais mais acessíveis, notamos que os velhos foram praticamente excluídos da vida pública. Os jovens dominavam os reinados, com raras exceções, por exemplo, Carlos Magno, que reinou até os 72 anos, e até o papado foi por muito tempo, cargo de jovens de 12 e 16 anos (Bento IX e João XII) (BEAUVOIR, 1990). No convívio rural, os filhos contestavam a autoridade dos pais e tomavam posse das terras, deixando aos idosos um cômodo separado da casa para aguardarem o fim da vida.

No período da Revolução Industrial (século XVIII e XIX), em que a jornada de trabalho era intensa e exigia muito esforço físico, exploravam-se ao máximo os trabalhadores enquanto jovens e, ao decaírem o rendimento devido à idade, perdiam o emprego. Com os idosos camponeses a situação era igualmente indignante, pelo mesmo motivo de não “prestarem” mais para o árduo trabalho com a terra, os filhos assumiam a autoridade do lar. Dificuldades financeiras vividas pela maioria das famílias camponesas complicava a situação dos mais velhos, pois eram vistos como mais uma boca para alimentar.

O principal mecanismo de isolamento parece emergir de nossa sociedade capitalista, preocupada com produtividade e desenfreado consumo. Em continuidade do ocorrido na Revolução Industrial, o indivíduo quando mais velho, perde o potencial produtivo em decorrência da redução da capacidade física e instalação de doenças crônicas. Essa competição no mercado de trabalho, onde o idoso se encontra em desvantagem, desencadeia exclusão do profissional no mercado e conseqüente marginalização social.

Não se pode deixar de mencionar toda a propaganda em torno da beleza, jovem, esbelta e da ditadura do corpo perfeito. Existe certa obrigação por escondermos os traços da velhice, as marcas expressas externamente, em nosso rosto, na pele, no corpo.

De fato, velho ou idoso é sempre o outro. O indivíduo de sessenta anos acha que quem é idoso é o de setenta, o de setenta chama de velho o de oitenta. Essa negação, visível na grande maioria dos longevos, é senão resultado da necessidade da juventude que rege a sociedade. Permitir-se ser velho é entregar-se ao acaso, ao descaso.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

São muito comuns ainda, em nossa sociedade, alguns rótulos envolvendo o indivíduo longo, provavelmente reflexo de uma realidade historicamente consolidada. Esses estereótipos negativos são, primeiramente, produzidos pelos mais jovens que compõem o meio social, em contrapartida, são absorvidos pelo próprio idoso, que se auto intitula inferior, incapaz, enfim, estereotipado.

Gustavo Mariluz em seu artigo *Aproximación a la sociología de la vejez* (2007, tradução nossa) nos mostra alguns dos estereótipos negativos e ideias preconcebidas acerca das pessoas idosas: “que a velhice é uma doença, que os velhos se tornam crianças, que os velhos não são adultos, que ser velho é ser dependente, que os velhos são um fardo e irritantes, que o velho é feio, quer dizer, seu corpo e seu rosto não são belos, que os velhos são ranzinzas e maus, que os velhos são degenerados sexuais, que não tem vida sexual nem sexualidade, que não se apaixonam. É desaprovado que se casem e encontrem uma nova parceira.”

Após esta constextualização histórico-social, dedicamos um espaço ao estudo do ethos, categoria esta que embasa a análise do *corpus* deste artigo. Na mesma seção, detalhamos o roteiro metodológico e análise.

3 A IMAGEM DO VELHO NO DISCURSO: ANÁLISE DO ETHOS

Proveniente da noção aristotélica, em análise do discurso, a concepção de ethos resulta da semântica global e é aplicada a discursos que não necessariamente apresentem sequências argumentativas – como na Retórica Antiga. Ainda que em *Gênese dos discursos* Maingueneau (2008a) não empregue diretamente a terminação “ethos”, o modo de enunciação – um dos planos constitutivos do discurso – dispõe de propriedades intrínsecas à construção do ethos discursivo. É o posicionamento do enunciador que definirá seu modo de enunciação, ou melhor, seu ethos. Nesse particular, não podemos reduzir o ethos, na análise do discurso, a um mecanismo de persuasão; ele é intrínseco à cena de enunciação.

A cena de enunciação compreende três cenas, quais sejam: a *englobante*, a *genérica* e a *cenografia*. “Juntas, elas compõem um ‘quadro’ dinâmico que torna possível a enunciação de um determinado discurso” (FREITAS, 2010, p. 179). A cena

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

englobante refere-se ao tipo de discurso, que pode ser político, religioso, administrativo, etc.; os locutores, por sua vez, “só interagem nas cenas englobantes através de *gêneros de discurso* específicos, de sistema de normas: pode-se então falar de ‘cena genérica’” (MAINGUENEAU, 2010, p. 206, grifo do autor).

A cenografia é construída pelo próprio texto e não diz respeito a um espaço físico, como se o enunciador pertencesse a um ambiente “emoldurado”, mas sim a um espaço que é validado por meio da própria enunciação.

A concepção discursiva de *ethos* advém da semântica global e é aplicada a discursos que não necessariamente apresentem sequências argumentativas. Ainda que em *Gênese dos discursos* Maingueneau (2008a) não empregue diretamente a terminação “*ethos*”, o modo de enunciação – um dos planos constitutivos do discurso – dispõe de propriedades intrínsecas à construção do *ethos* discursivo. É o posicionamento do enunciador que definirá seu modo de enunciação, ou melhor, seu *ethos*. Nesse particular, não podemos reduzir o *ethos*, na análise do discurso, a um mecanismo de persuasão; ele é intrínseco à cena de enunciação.

Assim, todo discurso apresenta um *ethos*. “O texto escrito possui, mesmo quando o denega, um *tom* que dá autoridade ao que é dito” (MAINGUENEAU, 2011a, p. 98, grifo do autor), isto é, uma instância subjetiva que compreende o papel de fiador do discurso (MAINGUENEAU, 2011b).

A imagem abstrata construída no e pelo discurso – fiador – constitui-se de duas propriedades: caráter e corporalidade. “O ‘caráter’ corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à ‘corporalidade’, ela é associada a uma compleição física e a uma forma de se vestir. Além disso, o *ethos* implica uma forma de mover-se no espaço social, uma disciplina tácita do corpo, apreendida por meio de um comportamento” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 65).

Maingueneau (2008b) associa a ideia de incorporação ao coenunciador. Isso significa que a enunciação confere um corpo ao fiador, o coenunciador corresponde e assimila esse corpo e, com isso, essas incorporações resultam no que o autor chama de eficácia do discurso. Atentamos, pois, que não podemos abreviar ou simplesmente

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

padronizar o ethos da mesma maneira em todos os textos. O ethos é característico e singular a cada gênero e tipo de discurso; logo, sua constituição compreende uma espécie de “jogo” construído pela própria enunciação.

Maingueneau (2011b) faz um desdobramento do conceito de ethos; este resulta da interação de ethos pré-discursivo ou ethos prévio; ethos discursivo (ethos mostrado e ethos dito); ethos efetivo. O ethos pré-discursivo ou prévio corresponde à imagem que o coenunciador faz do enunciador antes mesmo que este fale; isso é possível visto que o ethos está intimamente relacionado à cenografia e, conseqüentemente, ao gênero discursivo.

A diferença entre o ethos dito e o ethos mostrado – ethos discursivo – está na forma como o enunciador constrói sua própria enunciação. No caso do ethos dito, “trata-se das diferentes formas que o fiador utiliza para evocar, indiretamente, o ethos do discurso que ele materializa” (SILVA, 2006, p. 183). O ethos mostrado diz respeito a todas as marcas –semântica global – que particularizam o modo de ser do enunciador. “A distinção entre ethos dito e mostrado se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o ‘dito’ sugerido e o puramente ‘mostrado’ pela enunciação” (MAINGUENEAU, 2011b, p. 18, grifo do autor). Quanto ao ethos efetivo, este é resultado da interação das diversas instâncias (entre ethos pré-discursivo e discursivo, entre ethos dito e mostrado).

Quando mencionamos o processo de enlaçamento e retomando a noção de cenografia com a metáfora do cenário, fica claro que o ethos discursivo é revelado à medida que todos os planos são avaliados em determinado discurso. Estatuto de enunciador, coenunciador, dêixis discursiva e a própria escolha lexical são propriedades intrínsecas à construção da “imagem de si”.

Essas propriedades inerentes à construção do éthos, somadas aos estereótipos construídos socialmente em torno do velho, são observados no episódio intitulado *Vovô Romeu e Sua Julieta*, o qual deixa claro em sua narrativa duas representações do vovô Abraham: velho não namora, velho é sinônimo de despesas.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.



O problema inicia-se quando um Oficial de finanças faz uma visita a Homer e orienta acerca dos gastos desnecessários na família Simpson; entre estes, estão: desperdícios com jogos, três assinaturas de revista de moda, quinhentos dólares por mês destinados ao website totalpoker.com. Acrescenta-se a isso, segundo Homer, “uma despesa gigantesca e inútil com uma coisa que não interessa a ninguém.” Considerando a fala do Oficial de finanças, Homer decide tirar o pai do Asilo de Springfield e Abraham passa a morar com a família Simpson.

Discursivamente, a cena validada de que o velho equivale a despesas mostra-se *na e pela* palavra de Homer. O ethos “implica ele mesmo um ‘mundo ético’ do qual ele é parte pregnante e ao qual ele dá acesso. Esse ‘mundo ético’ ativado pela leitura subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos [...]” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 18). Da cenografia de que o velho é um ser inútil e improdutivo à visão do adulto resulta a imagem de si, o ethos discursivo: velho é despesa.

A estereotipagem “é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica” (AMOSSY, 2008, p. 125-126).

Outra constatação, no episódio, é a de que o namoro é intrínseco apenas aos jovens. Homer, ao presenciar a cena de seu pai com a irmã de Marge Simpson, assim se manifesta: “Como meu pai pode sair com a Selma? Aquelas duas toupeiras não sabem que o amor é pra gente jovem e bonita.”

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.



Cena validada, estereótipos do mundo ético, modalização discursiva consolidam a cenografia do idoso solitário. A cenografia, como desdobramento dos planos constitutivos da semântica global, “supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação.” (MAINGUENEAU, 2011a, p. 87).

O desdobramento dessa cena faz emergir o ethos do velho assexuado. “A qualidade do ethos remete, com efeito, à imagem desse ‘fiador’ que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado” (MAINGUENEAU, 2011a, p. 99).

A partir da cenografia construída no texto, a personalidade do enunciador – papel do fiador – vai se revelando diferentemente a fim de que o coenunciador possa aderir ao sentido evocado pelo texto: a revelação da imagem enraizada em torno do velho: o ser infeliz e rabugento.

Analisar um discurso pela cenografia é pensar a palavra de acordo com uma situação específica de comunicação, é considerar as coerções genéricas que definem uma cenografia. O ethos, por sua vez, consiste no comportamento de um corpo, um corpo investido de valores os quais, ainda que sejam tratados comicamente em um gênero televisivo, mantêm estreita relação com o comportamento humano socialmente demarcado.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que o idoso carrega consigo muitos estereótipos negativos e que esses estereótipos se constroem pelo coletivo, por influências culturais. A cultura ocidental está contaminada pelo modelo americano, e, não por acaso, destacamos um seriado estadunidense reprisado em dezenas de países, que dissemina e reforça a realidade vivida pelos velhos em grande parte do mundo.

Esse fato cristaliza-se na sociedade discursivamente. Os trechos destacados do episódio trazem a possibilidade de traçar claramente o ethos do velho no contexto familiar e social. Reiteramos, nesse momento, a potencial contribuição de Dominique Maingueneau aos estudos do discurso, uma vez que foi por meio da construção da cena enunciativa que se identificou o ethos caracterizado pela estereotipagem negativa, pela cena validada que é a do velho rabugento.

Referências

AMOSSY, Ruth. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____ (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008, p. 119-144.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FREITAS, Ernani Cesar de. Linguagem na atividade de trabalho: éthos discursivo em editoriais de jornal interno de empresa. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 6, n. 2, p. 170-197, jul./dez. 2010.

MAINGUENEAU, Dominique (1984). **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. (2006). **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. (2000). **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2011a.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011b, p. 11-30.

MARILUZ, G. Aproximación a la sociología de la vejez. **Universidad de Buenos Aires. Facultad de Ciencias Sociales**. Artículo inédito, 2007.

SILVA, Edvania Gomes da. **Os (Des)encontros da fé**: análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica. 2006. 293 f. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ⁱ Mestrando, Universidade de Passo Fundo, Brasil, ezequiefisio@yahoo.com.br

ⁱⁱ Mestre, Universidade de Passo Fundo, Brasil, deborafacin@upf.br

ⁱⁱⁱ Doutor, Universidade de Passo Fundo, Brasil, ecesar@upf.br